DIVERSIDADE SEXUAL, HOMOFOBIA E DEBATE SOBRE TEORIA QUEER EM CONTEXTOS AFRICANOS: UMA PRIMEIRA ABORDAGEM

Izzie Madalena Santos Amancio [1], Caterina Alessandra Rea [2]

RESUMO

Este projeto conduziu um primeiro mapeamento do campo de estudo sobre práticas feministas, diversidade sexual e teoria queer em contextos africanos. Do ponto de vista teórico, nos fundamentamos nas contribuições das primeiras coletâneas de teoria Queer africana, o Queer African Reader e Reclaiming Afrikan, que reúnem contribuições de estudiosos e militantes de vários países do continente. O maior aporte destas reflexões consiste em romper com a imagem de uma África homogênea, do ponto de vista cultural e das práticas sexuais, colocando contra o muro tanto a representaçã o da África "obsessivamente" homofóbica, perpetuada pelos países ocidentais e pelas agendas LGBT globais, quanto a representação do caráter supostamente não-africano da homossexualidade, disseminada pelos discursos essencialistas e nacionalistas de grupos religiosos locais. É para além destes discursos homogeneizantes e redutores que as construções de sexualidades e identidades de gênero não-hegemônicas proliferam no continente africano. O projeto se situa no campo filosófico e epistemológico, embora, pela temática abordada e pelas categorias propostas, se coloque em um diálogo interdisciplinar com as Humanidades. No quadro das ações PIBIC, o projeto tem o objetivo de consolidar o embasamento teórico na área, implementando oficinas de tradução dos principais textos estudados.

Palavras-chave:

Diversidade Sexual. Estudos Africanos. Estudos Queer. Feminismos. Homofobia.

[1] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Discente, e-mail: izzie.mada@outlook.com.br
[2] UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, e-mail: caterina@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A existência da homossexualidade na África constitui, ainda hoje, uma questão polêmica e espinhosa; é enraizada em muitos intelectuais africanos e afrodescendentes, a ideia da sua inexistência na época pré-colonial. Já Frantz Fanon escreve, numa nota do seu célebre texto Pele Negra, Máscaras Brancas, que a homossexualidade não existe na cultura das Antilhas afrodescendentes e na África, considerando-a como uma característica dos brancos e da sociedade ocidental. Desta maneira, durante muito tempo, tanto o campo dos Estudos Pós-coloniais e dos Estudos Africanos, quanto o campo dos Estudos Queer e Feministas ignoraram a existência e a agência de sujeitos sexualmente dissidentes na África, assim como, mais recentemente, o desenvolvimento de uma produção no campo da teoria e do ativismo queer no continente. Centrados na retórica independentista, segundo a qual a primeira e única forma de dominação e de opressão é a produzida pela colonização, com seus efeitos e heranças, ainda vigentes no tempo presente, os Estudos Africanos e Pós-coloniais não tiveram interesse em analisar a opressão de gênero e as formas de repressão da homossexualidade nas sociedades africanas (BUSSOTTI; TEMBE, 2014). Desta forma, outras expressões de dominação, de hierarquia e de poder, internas às sociedades africanas, não foram visibilizadas, nem se tornaram, nesta perspectiva, objeto de análise crítica e de contestação. O historiador do Malawi, Paul Tyambe Zeleza, aponta para esta leitura unívoca dos Estudos africanos anticolonialistas, segundo os quais a única forma pertinente de dominação era a colonização, excluindo outras formas internas de relações de poder, como a opressão das mulheres e das sexualidades dissidentes. Como explica Tyambe Zeleza, "a historiografia nacionalista era essencialmente política e elitista. Ela tinha pouco para dizer sobre as massas, homens e mulheres, ou sobre a história social e econômica. Quase sempre, discutiu-se sobre a exploração e sobre a opressão unicamente em relação ao colonialismo. Assim, na sua epistemologia, a historiografia nacionalista não tinha nem os instrumentos conceituais, nem a orientação ideológica para tratar das hierarquias, da exploração e das lutas de classe ou de gênero na história africana" (ZELEZA, 2010: 358). Se, então, tais linhas historiográficas não abordam "a história e a opressão das mulheres" (ZELEZA, 2010: 358), ainda menos têm recursos teóricos para enfrentar a opressão das sexualidades dissidentes.

Em seu livro sobre a África contemporânea, De la Post-colonie. Essai sur l´imagination politique dans l´Afrique contemporaine, o filósofo e cientista político camarunês, Achille Mbembe afirma que o conflito não se reduz à oposição ao inimigo externo, mas atravessa o contexto da pós-colônia, mostrando que as relações de poder são intrínsecas ao mundo colonizado. Como ele escreve, os discursos nacionalistas anticoloniais fazem da oposição colonizador/colonizado "o paradigma, em última instância, do político nas sociedades não europeias", e, assim, "ocultaram a intensidade da violência entre irmãos e o estatuto problemático da irmã e da mãe, no seio da irmandade" (MBEMBE, 2000: XI). Em relação à homossexualidade, Mbembe afirma que a mesma existia desde as antigas sociedades africanas, onde ela representava um tipo de sexualidade desvinculada da reprodução, mas que tinha também funções rituais e de confraternização.

Uma análise que envolva os marcadores de gênero e sexualidades, além dos de etnicidade, classe e colonialidade, nos contextos africanos, implica uma reconsideração do mapa das relações de poder e das maneiras múltiplas e imbricadas nas quais elas atuam sobre os corpos de sujeitos e coletivos. Como afirma Mbembe, numa entrevista com a filósofa feminista, Elsa Dorlin, trata-se de "examinar o tipo de forças que, após a colônia, se exercem sobre os corpos dos sujeitos proclamados independentes e o tipo de sensações que estas forças suscitam" (DORLIN/MBEMBE, 2007: 144).

Por sua vez, influenciados por visões afro-pessimistas e pelos imaginários vitimistas sobre a "África homofóbica", os estudos Queer ocidentais ignoram e marginalizam as contribuições africanas (CLARKE, 2013). A imagem estereotipada de uma África tradicionalista e atrasada, onde as práticas sexuais são rigidamente fixadas no quadro da heterossexualidade normativa e compulsória constitui um preconceito muito difundido nos grupos LGBTQ do mundo ocidental. As questões sexuais e de gênero tornam-se, assim, em muitos casos, um elemento cultural de primária importância que separaria o Ocidente progressista e democrático do Oriente/Sul atrasado, preconceituoso e violento.

O projeto se coloca em sintonia com as diretrizes da UNILAB, que afirmam os princípios da interculturalidade e promovem uma cultura do respeito e da integração. Nesta direção, é preciso enfatizar

que, no contexto específico desta universidade, uma reflexão teórica, que vise a interseccionar estudos africanos e estudos sobre sexualidades dissidentes, permite fortalecer uma visão plural e dinâmica das identidades e da necessidade de reconhecer os diferentes grupos, possibilitando diversos caminhos e maneiras, especificamente para mulheres e pessoas LGBTQI, afirmarem suas próprias lutas e reivindicações, sem, porém, renunciar ao próprio pertencimento étnico e cultural. Sendo cadastrado na área de filosofia, este projeto possui uma explícita vocação interdisciplinar e transdisciplinar, articulando o plano da reflexão teórica e epistemológica sobre a categoria de interseccionalidade e a gênese de processos interligados de dominação/opressão com as análises da crítica queer pós-colonial, que lê as questões de gênero e sexualidades no prisma das desigualdades sociais, no quadro político internacional.
A implementação deste projeto traz ganhos sensíveis para os cursos do Instituto de Humanidades e Letras, precisamente, os cursos de Humanas, e esteve vinculado a disciplinas optativas voltadas para os estudos de gênero e sexualidades, a partir de uma perspectiva pós-colonial. Aos alunos vinculados ao projeto tiveram beneficios com as atividades em grupo, para a leitura, o estudo e a compreensão dos textos principais trabalhados, assim como, de oficinas de treinamento para traduzir artigos em línguas estrangeiras (inglês e francês). Com este projeto, houve também retornos significativos no fortalecimento da área dos Estudos sobre Gênero e Sexualidades, na UNILAB, mantendo uma sólida articulação com os Estudos Africanos e Pós-coloniais. Através do fortalecimento destas áreas de ensino e de pesquisa é também possível tecer novas redes de colaboração entre os professores da instituição.

METODOLOGIA

Eu, bolsista, e a coordenadora do projeto, a professora, Dr. Caterina A. Rea, juntos, concentramos nossos esforços nas atividades de tradução, análise e revisão de textos em inglês que interseccionam queer theory, gênero e sexualidades no cenário do continente africano e micro políticas LGBTQI em África, afim de organizar o livro "Traduzindo a África Queer" a ser publicado entre o fim deste ano e o começo do próximo, pela Editora Devires de Salvador. Tivemos reuniões de traduções semanais, geralmente, nas quartas-feiras ou sextas-feiras, pela manhã. Realizamos os seguintes passos: 1 - Selecionamos os textos, a serem lidos e traduzidos, da coletânea Queer African Reader, organizada pelas ativistas africanas Sokari Ekine (Nigéria) e Hakima Abbas (Egito). Os textos foram lidos e comentados em diálogos abertos do gru po, durante os encontros presencias. Durante este encontros, nos concentramos na tradução de dois textos, o de Sibongile Ndashe e o de Gathoni Blessol. O restante dos artigos foram traduzidos com a contribuição de várias/os docentes da UNILAB e da UFBA. 2 – Junto com a orientadora, foi feito contato com as autoras cujos textos foram traduzidos pela equipe do projeto, no intuito de pedir a autorização para a publicação da tradução. 3 – Reportamos abaixo o plano do livro que consta de onze textos traduzidos e de uma apresentação redigida pela coordenadora do projeto e pela Equipe do Grupo de Pesquisa: 1. O Queer African Reader e sua atualidade para o debate sobre dissidência sexual e teoria queer em uma perspectiva Sul-Sul (Caterina Rea/FEMPOS/UNILAB; Clarisse Goulart Paradis/FEMPOS/UNILAB; Izzie Madalena Santos Amancio/FEMPOS/UNILAB) 2. Sokari Ekine; Hakima Abbas – A proposta do Queer African Reader (trad. Caterina ReaFEMPOS/UNILAB) 3. David Kato Kisule – Um ensaio (trad. Felipe Fernandes/GIR@/UFBA) 4. Awino Okech – Sobre sororidade e solidariedade: tornando queer os espaços do feminismo africano (trad. Clarisse Goulart Paradis/FEMPOS/UNILAB) 5. Lyn Ossome – Discursos pós-coloniais do ativismo Queer e de classe na África (trad. Caterina Rea/FEMPOS/UNILAB) 6. Ola Osaze – Caster corre para mim (trad. Caterina Rea/FEMPOS/UNILAB) 7. Sibongile Ndashe – A história única da homofobia africana é uma história perigosa para o ativismo LGBTI (trad. Caterina Rea,Izzie Madalena Santos Amancio e Equipe do FEMPOS) 8. Autorexs varixs – Manifesto LGBTI africano/declaração (trad. Thamy Ayouch/Université Denis Diderot, Paris VII) 9. Bernedette Muthien – Queerizando as fronteiras: uma perspectiva ativista Afrikana (trad. Caterina Rea/FEMPOS/UNILAB) 10. Gathoni Blessol – Lutas LGBTI Queer como outras lutas em África (trad. Caterina Rea,Izzie Madalena Santos Amancio e equipe do FEMPOS) 11. Keguro Macharia – O Quênia Queer na lei e na

política (trad. Sergio Rodrigo Ferreira GIGA/UFBA) 12. Jessie Kabwila – Olhando para além dos binarismos coloniais: desfazendo o discurso sobre a homossexualidade no Malawi (trad. Tatiana Ivette Carrascal/UNILAB e Carolina Barbosa Pereira, UFBA) Nós do grupo FEMPOS nos empenhamos na organização de atividades que envolvessem a universidade de forma ampla. Foram desenvolvidas as seguintes atividades abertas: - Roda de conversa com a doutoranda e ativista Caroline Betemps, com o tema Feminismos Transnacionais. A roda de conversa contou com aproximadamente trinta pessoas, da UNILAB-Campus dos Malês e alunos da UFRB (Universidade Feder al do Recôncavo da Bahia) de variados cursos, geografia, história, artes visuais, pedagogia, filosofia e professores das respectiva s universidades. A atividade ocorreu na quadra de esportes, na tarde do dia 27 de novembro de 2017. - Palestra com Johanna Monagreda e Larissa Gomes, ambas doutorandas da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), cujo tema foi Feminismo e Instituições Políticas: debates atuais. Ocorreu no dia 05 de fevereiro de 2018, no auditório dos Malês. - Organização da palestra da pesquisadora francesa Natacha Chetcuti Osorowiz sobre "Vigiar e punir o gênero: qual é a condição da palavra no mundo carcerário para as mulheres condenadas a longas penas?", no dia 09/04/2018, das 10:15 às 12:15. - Jornada FEMPOS que foi uma atividade pensada par a finalizar o plano de trabalho, no qual foi discutido os resultados alcançados com o projeto. Para a jornada FEMPOS aconteceu no auditório do campus dos Malês, entre 12H e 17H do dia 29 de agosto (2018), na programação tinham três mesas de discussões: a primeira com as duas editoras do livro que traduzidos, a professora Caterina A. Rea e a professora Clarisse Paradis na qual apresentaram a proposta do livro e sua relevância, a segunda mesa foi composta por mim, a bolsista, apresentei os resultados do projeto, e a última mesa composta por convidados estudantes da UFBA (Universidade Federal da Bahia), Igor Leonardo, Rodrigo Márcio, Theo Pitanga e Yuna Silva que trouxeram discussões à respeito das diversidades sexuais, homofobias, transfobias e demais intersecções. - No mês de março, participei de um Grupo de Trabalho, na UFBA, durante o Forum Social Mundial. O grupo de trabalho, "Pós-colonialidade, Feminismos e Epistemologias Anti-hegemônicas" foi organizado pela coordenadora do projeto no intúito de apresentar as principais linhas de pesquisa desenvolvidas pelo FEMPOS. Na ocasião, apresentei o projeto de pesquisa "Diversidade sexual, homofobia e debate sobre teoria Queer em contextos africanos: uma primeira abordagem".

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos foram os resultados obtidos com este projeto, entre eles talvez o maior, seja a produção do livro "Traduzindo

a África Queer" que está previsto para ser publicado entre o fim deste ano e o início do próximo. Outro resultado importante a ser destacado é a vinda de dois dos autores do Queer African Reader (Awino Okech e Ola Osaze) para o próximo Congresso Internacional da ABEH (Associação Brasileira de Estudos de Homocultura), que se desenvolverá do dia 28 ao dia 30 de Novembro, em Fortaleza. O convite feito pela ABEH, através da coordenadora deste projeto, à feminista queniana, Awino Okech, e ao ativista nigeriano, Ola Osazie, testemunha da importância reconhecida, na acadêmia brasileiro e no campo dos estudos sobre gênero e sexualidades, das contribuições que vêm do continente africano. È minha intenção participar deste congresso, apresentando um trabalho no GT intitulado "A chegada da Teoria Queer na África". Trabalhar no desenvolvimento deste projeto de pesquisa me possibilitou o contato com uma língua estrangeira, o inglês, língua que não dominava, mas que com os processos de traduções e a participação de grupo de estudo e aula online de inglês, passei a ter um vocabulário bem maior deste idioma. Recebi treinamento e passei a ser uma das editoras do livro que publicaremos. Participei de todos os processos de construção desde ao contato com as autoras, às traduçõe s, os convites para tradutores que se dispusessem a contribuir com o projeto do livro, questões de direitos autorais e o trabalho de organização e tradução de textos. Indo ainda mais fundo nos resultados obtidos, me deparei com a necessidade de deslocar meus pensamentos à territórios outros com perspectivas que horas se aproximam horas tangenciam. As traduções do Queer African Reader, editorado por Sokari Ekine e Hakima Abbas, publicado em 2013 pela editora Pambazuka, nos possibilita compreender melhor os contextos específicos de África. A autora Hakima Abbas nos revela que este conceito do Queer ao

pensar a África e ao ser pensado em África deve passar por um processo de ressignificação, pensando ali a intersecção com a luta contra o neoliberalismo e o néocolonialismo. Ou seja, além de remeter para formas de dissidência sexual e de gênero, o termo Queer, também, indica a oposição a outros sistemas de dominação que atingem as populações africanas. A autora aponta ainda a como o queer pode contribuir para o fortalecimento de identidades locais.

Os textos traduzidos trazem à tona uma imagem não homogênea do continente Africano, em que tais autores irão apresentar as perspectivas queer a partir de contextos locais. Se a África não é um continente de paraísos LGBT's, também não podemos enxergá-la, de forma unívoca e uniforme, como um lugar extremamente LGBTfóbico. Ao romper com o silêncio, no que tange a esta produção do Reader (2013) que é por si uma insurgência queer africana que reivindica seus contextos de existências, apesar da forte tentativa de silenciar estas existências, principalmente por parte das agendas de ONG's e internacionais LGBT's emÁfrica, que atuam com uma perspectiva "salvacionista" ocidental. As/os autoras/es do Queer African Reader reivindicam suas existências e vívidas para as sociedades africanas, enfrentando os discursos tradicionalistas locais que expulsam, criminalizam e tentam invisibilizar as práticas afetivas-sexuais plurais do continente. Traduzir o Queer African Reader é ver que ainda se tem uma imagem de África homogeneizada, de um olhar único e estrangeiro voltado à África que deste modo, reduz às práticas e existências do contexto africano. Também, uma das nossas discussões debruçadas no livro traduzido é o modo pelo qual as ca tegorias ocidentais estão sendo impostas à contextos africanos por meio de ONG's, grupos LGBT's fora de África que desconhecem, ignoram o que conhecem e não se reconhecem em práticas particulares africanas locais. Tivemos a ideia de resgatar o conceito de Dissidência Sexual e d e Identidade de Gênero para ampliar o olhar sobre essas práticas africanas que daqui, do lado de fora de África, são pouco conhecidas e valorizadas em sua diversidade. Ampliando os olhares, nos deparamos com realidades descritas no Queer African Reader de que as pessoas que praticam a dissidência sexuais e que têm identidades de gênero não conformes são consideradas como "estrangeiras", por parte dos tradicionalistas que não reconhecem suas existências e práticas de vida . De fato, na maioria dos países africanos e, particularmente, os de colonização britanica, existem legislações que criminalizam e discriminam quem não se conforma com a norma heterossexual. A coordenadora deste projeto, sempre me relembrava a não perder de vista o olhar em nossas produções dentro do plano de bolsista e do contexto da UNILAB no qual estamos inseridas. Aos poucos, percebi que muitas eram as contribuições deste projeto para as missões e projeto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro -brasileira, entre elas está o pensar os corpos da integração que compõem a universidade e suas pluralidades e possibilidades de (re) existências, através do rompimento de um olhar generalizador que invisibiliza as práticas homoeróticas no continente africano. Um dos objetivos do projeto se deu ao fortalecer e ampliar a linha de pesquisa em Estudos de Gênero, Estudo s Feministas e sobre Sexualidades Dissidentes e suas intersecções com o campo dos Estudos Africanos.

CONCLUSÕES

Consideramos que este projeto de pesquisa é muito importante para a UNILAB, uma vez que esta privilegia a integração entre Brasil e África. O debate sobre diferentes práticas e vivências no campo do gênero e da sexualidade é um tema recorrente entre os alunos da UNILAB, e muitas tensões têm já se manifestado, entre alunos africanos e brasileiros, relativamente às maneiras de tratar as mulheres e as minorias sexuais, nos contextos africanos e no Brasil. É preciso, desta forma, elaborar sólidos argumentos, com a ajuda de textos teóricos da área de estudos feministas e queer, para desconstruir discursos preconceituosos, tanto de ordem homofóbica, quanto de ordem xenofóbica ou racista. O projeto prolonga e continua as discussões já realizadas no projeto PIBIC 2015/2016 sobre a noção de interseccionalidade e a imbricação das relações de poder e de dominação. É este modelo interseccional que precisamos trazer à baila para uma leitura mais crítica e complexa do fenômeno da homossexualidade e de uma prática teórica queer na África. O projeto se coloca em sintonia com as diretrizes da UNILAB, que afirmam os princípios da interculturalidade e promovem uma cultura do respeito e da integração. Nesta direção, é preciso enfatizar que, no contexto específico desta universidade, uma reflexão teórica, que vise a interseccionar estudos africanos e estudos

sobre sexualidades dissidentes, permite fortalecer uma visão plural e dinâmica das identidades e da necessidade de reconhecer os diferentes grupos, possibilitando diversos caminhos e maneiras, especificamente para mulheres e pessoas LGBTQI, afirmarem suas próprias lutas e reivindicações, sem, porém, renunciar ao próprio pertencimento étnico e cultural. Sendo cadastrado na área de filosofia, este projeto possui uma explícita vocação interdisciplinar e transdisciplinar, articulando o plano da reflexão teórica e epistemológica sobre a categoria de interseccionalidade e a gênese de processos interligados de dominação/opressão com as análises da crítica queer pós-colonial, que lê as questões de gênero e sexualidades no prisma das desigualdades sociais, no quadro político internacional. A implementação deste projeto trouxe ganhos sensíveis para o curso de Bacharelado em Humanidades e estará vinculado a disciplinas optativas voltadas para os estudos de gênero e sexualidades, a partir de uma perspectiva pós-colonial. Os alunos vinculados ao projeto se beneficiaram de atividades em grupo, para a leitura, o estudo e a compreensão dos textos principais a serem trabalhados, assim como, de oficinas de treinamento para traduzir artigos em línguas estrangeiras (inglês e francês). Com este projeto, houve também retornos significativos no fortalecimento da área dos Estudos sobre Gênero e Sexualidades, na UNILAB, mantendo uma sólida articulação com os Estudos Africanos e Pós-coloniais. Através do fortalecimento destas áreas de ensino e de pesquisa será também possível tecer novas redes de colaboração entre os professores da instituição.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todxs que de alguma forma contribuíram para o projeto PIBIC 2017-2018: Diversidade sexual, homofobia e debate sobre teoria Queer em contextos africanos: uma primeira abordagem.
Agradeço a coordenadora do projeto Caterina Rea pela credibilidade em confiar à bolsa de pesquisa, incentivo e participação, bem como, a professora Clarisse Goulart Paradis que vem sendo conosco o FEMPOS.
Agradeço a instituição, UNILAB (adms, discentes, docentes, técnicos e terceirizados) que se envolveram até o último momento de desenvolvimento deste projeto, lembro aqui de Ivanyele do corpo técnico da UNILAB-Ceará que durante esses doze meses se fez uma excelente servidora pública.
À bolsista de extensão Edneusa Diamantino Cá minha parceira de trabalho.

Esta força vem de raízes firmes, tudo às ancestrais e minha família.
Gratidão a todxs!

REFERÊNCIAS

BUSSOTTI, Luca; TEMBE, António. A homossexualidade na conceção afrocentrista de Molefi Kete Asante: entre libertação e opressão. Revista Ártemis, vol. XVII, N. 1, pp. 15-24, jan-jun, 2014.
EKINE, Sokari; ABBAS; Hakima (orgs.). Queer African Reader. Dakar/Nairobi/Oxford, Pambuzuka Press, 2013. 454, p.
FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008, 191, p.
MACHARIA, Keguro. Homophobia in Africa is not a single story. The Guardian, 26 de maio de 2010.
MATEBENI, Zethu. Reclaiming Afrikan. Queer Perspectives on sexual and genderIdentities. Athlone: Modjaji Books, 2014.
MBEMBE, Achille. De la postcolonies. Essai sur límagination politique dans l´Áfrique contemporaine. Paris: Karthala, 2000.
_____ Entretien avec Sylvain Trevoz. Langaa Research and Publishing Common Iniciative Group, 2012. www. langaa-rpcig.net/+Achille-MBEMBE-Entretien-avec+.html Visto em 10/06/2016.
_____ Sair da grande noite. Ensaio sobre a África Descolonizada. Luanda: Edições Mulemba, 2014, 200 p.

MBEMBE, Achille; DORLIN, Elza. Décoloniser les structures psychiques du pouvoir. Erotisme raciste et postcolonie dans la pensée d´Achille Mbembe. Mouvement, n. 51, set/out, pp. 142-155, 2007.
LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Revista Estudos Feministas, 22 (3),pp. 935-952, setembro-dezembro, 2014.
PUAR, Jasbir. Homonacionalismo como mosaico. Viagens virais, sexualidades afetivas. Revistas Lusófonas de Estudos Culturais, v. 3, n. 1, pp. 297-318, 2015.
ZELEZA, Paul, Tyambe. Discrimination de genre dans l´historiographie africaine. In: VERSCHUUR, Christine (org.). Genre, postcolonialisme et diversité des mouvements de femmes. Paris: L´Harmattan, pp. 355-374, 2010.